

Giulia Lanciani traduce 40 poesie da “Roma” di Franco Buffoni, ed. Guanda 2009

Túmulo em esfera imitação da abóbada
Celeste, luz telúrica brilhante
No interior com dupla intensidade,
Enquanto em volta do olho do ciclone
Desorganizada pulsa Roma anónima
Julgando-se entendida.
Pelo reflexo duma janelinha
À direita em cima
Fachadas barrocas com enfeites em estuque
Levantam cósmicos voos
De pátios medievais,
Os berros confessando
Aos autóbus de descer
E legações de Marche Úmbria Romanha
No alto-relevo assomam-se ao balcão
Além do triplo fosso, poternas, cunículos esconsos
Cavados na rocha pelos eslavos
Para a lareira do primeiro fogo.

oooooooooooooooo

Com as crateras do metro cósmico em anilhas
Circulares, next stop Praça Imperatore,
Cresce o trânsito e a memória atenua-se
Como do olho o olho afasta-se
Descortunando Aventino a fechadura.
No seu tempo fê-lo Werner, Karl,
Obra de:
O Carnaval romano no Corso,
a Festa dos artistas em Tor de' Schiavi.
Resiste da história o concentrado
No olho,
Ficam passadeiras às vias consulares
Os aquedutos,
Como satélites lançados em rajada
Longínquas as casas, além de Centocelle.

oooooooooooooooooooo

Donde a balaustrada toma o mar
Roçando com desesperada vaidade
De Ostia as escavações,
Os restos hoje avistam-se daquele
Que poderia definir-se um edifício de
Habitação urbana de vastas dimensões,
Uma labreguice imperial com desenhos
Geométricos em mosaico de mármore polícromo,
Opus alexandrinum a cotejar-se
Com o opus novum de um hodierno
Evasor total.

oooooooooooooooooooo

Como era o mundo onde aportou Enea
Por debaixo do chão da campina?
Removido o estrato de cinza compacta
Aparecem aposentos de época helenística
Já em 79 após Cristo abandonados
Por anteriores terramotos e inundações.
Havia tantas Romas dispersas nas aldeias,
Varrão já o escreve em tom de conto:
Mons Capitolinus era chamado um tempo
O cole de Saturno, e cita Énio
Como numa fábula, sobre o cole
Satúrnia era dita a cidade...
E perto da Porta Mugônia, no Palatino
Desde a casa dos Tarquínios
Na passagem subterrânea que conduz
Ao santuário de Vesta
Escava ainda a equipa para demonstrar
Como quer o professor
A ligação entre os poderes
Só ao rei permitia-se um acesso directo
Ao sagrado fogo.
Roma, Roma que ainda brinças com isto.

oooooooooooo

Nos Horti Caesaris o ditador albergou Cleópatra,
Em Villa Torlonia Mussolini, Hitler.
Quatro intestinos ainda assustados
Pelas dimensões do Oceano Externo
Para aplacar com sacrifícios.

oooooooooooooooooooo

E desta calçada composta
De lájeas em pedra calcária
Acedia-se à fortaleza com funções de culto
E abrigo em caso de guerras; no interior
Os três nichos com abóbadas de aresta
Para os sarcófagos.
Tinha dezoito anos Antonio Bosio
Em 1953
Quando, entrado por um pequeno forâmen
Serpeando e com o peito no chão,
Se reencontrou em Santa Domitila.

oooooooooooooooo

«Sodomita» grafou um jovem colega
Sob uma abóbada da Domus Áurea
Ao pé do nome Pinturicchio
Autógrafo, como a sua enveja.
Baixavam-se ali os jovens pintores
E rastejavam até àquelas cores
E relevos em estuques. Trabalhavam
Por horas com pouca luz e pão
Entre cobras mochos corujas
E depois grafavam a assinatura.
Eram acesos os seus olhares vígeis
E atrevidos. Eram machos.

Pinturicchio definiu Del Piero o Advogado
No momento do máximo fulgor.

oooooooo

Para não se entregarem nós ao espectáculo
No efeito deslumbrante produzido
Pela polidura dos mármore,
Entre ursos da Dalmácia e crocodilos egípcios
Suicidaram-se em massa
Acabando-se um ao outro
Antes de saltarem para a arena
Os vinte e nove guerreiros saxónios
Concedidos a Aurélio Símaco
Pelo emperador
Para celebrar a pretura do filho
No *munus* memorável da nova estação

oooooooooooo

Dos remotos cantos do Império, rostos
De prisioneiros de guerra, de baixo-relevos,
Ao domingo passeando pelos Foros
Estendidos sem raiva,
Centrados sobre um mármore
Inócuo: não os quero
Colher e correr-lhe atrás
Para lhes fazer ter razão
E ceder ao seu
Navio de solução.
Como num filme de Ozpetek abrigo-me
Na arqueologia industrial
Entre Pirâmide Céstia e São Paulo.
Assim só há um mármore
Liso enquanto a chuva
Desliza por entre as veias,
Torna-se verdade
De vinho no tempo sólido
De barqueiros e carreteiros.
Na presença do monstro de ferro
Que teria ligado Roma a Óstia.

oooooooooooooooo

Na rua Marmorata porque ali aportavam
Para serem trabalhados e lavrados
Os mármore de cor
– Granito e pórfiro do Egipto
Mármore preto e verde da Tessália
E Espanha, amarelo de Simito –
E os brancos das Cíclades e de Luni.
Se passas devagar berram ainda
De colunetas torsas
Pelos chicotes de então: a metade posterior duma cabeça
E um antebraço
São englobados num umbral em rua Bodoni.
Depois a própria Roma tornou-se uma pedreira,
Pela Câmara Capitolina foi aprovada
A tarifa da espoliação:
Doze denários por bloco
Para transformar em cal os mármore de cor
E a ferros os abusivos
Cavadores clandestinos. Enquanto os brancos –
Colunas e capitéis – da rua Marmorata repartiam,
Com berros novos pelas vias da água
Atrás dos Banchi no rio Tibre.

oooooooooooo

Por arcos imperiais na rua Cássia
Tornadas torres de guarda medievais,
Por delicadas igrejinhas do mil
Surgidas sobre templos de Juno,
Pelo sarcófago constituído
Por dois elementos justapostos
Com grampos de ferro
E o ponto de junção
Desfarçado na decoração,
Eu penso-te ainda nos **horti extremi**
Além das muralhas servianas,
Entre um circo e uma naumaquia
Os terraços em nicho e os jogos d'água.
E ainda não encerrada nos palácios.

Cunículos escadas passagens inesperadas
Salas sobrepostas e nas paredes
Quadrangulare nichos pelo deus
Nascido de rocha e destinado
Por ordem de Apolo
A redimir o genero humano.
Aqui onde a bava das velas
Ainda exala da estrutura,
Através do estreito espaço entre os plúteos
Eu sou um sacerdote no afresco.
E dum recanto escondido distingo
O latim mastigado
Do canto grego nas pausas...
Até que por cima dos originais
Volumes arquitectónicos,
Suspensa a uma única sílaba,
Uma ampla passagem melismática
Fura o ar,
Juntando-se ao canto feminimo
Dos Santos Quatro Encoroados.

oooooooooooo

Pensei em ti, conde Giacomo, vendo
Numa revista em papel couché
As fotos das escavações a Urkish na Síria,
Em ti e nos teus impérios e povos da Ásia
Quando intuías imensamente longa
A história da humanidade.
Bem mais do que os Gregos o povo jovem de Hegel
Ou o mundo de só quatro mil anos da Bíblia
Julgando dizer tanto, até ontem.
Tu sabias que sob sete estratos estava Urkish
A rainha com firmas
O arquivo todo em mil tabuínhas
Já no seu falar indo-europeia
O acusativo em eme. Capital urrita
Com jóias atadas à infinita paciência
Dos bordados em ouro. Tu sabias que depois os Hititas
Chegariam a conquistá-la,
Já eles velhos e de velhos arquivos nutridos...
Estou farto de padres e de poetas, conde Giacomo.
E de mitos infantilmente readaptados.

oooooooooooo

*Minha filosofia desagradou aos padres, os quais e aqui e no mundo
todo, sob um nome ou sob um outro (sob um ou sob outro nome), podem
ainda e poderão eternamente tudo.*

De Leopardi que volta com o pensamento a Roma
Das encostas do Vesúvio: «Anco ti vidi
Dei tuoi steli abbellir l' erme contrade
Che cingon la cittade». Desolação por desolação,
Natural por intelectual, deserto por deserto...
De Leopardi súbdito do estado pontifício
Liberal clandestino em ideológico isolamento
O ridículo e o grotesco das Operette
Por excelência armas iluminísticas
Contra antropocêntricas metafísicas.
Naquele angusto reino do silêncio
Com as monstruosas tipologias censórias
Que foi o governo
Da Reverenda Câmara Apostólica.
Roma desértica.

oooooooooooooooo

Aqui onde se convenceu mormente
Da existência em filosofia
Da via da dúvida e do realismo,
Superiores Provinciais Ecónomos
Conselheiros do Padre Geral
Encontrava-os no refeitório
Nos exercícios espirituais
E não lhe falavam.
O estatuto da explicação
E da prova empírica
Por ele propugnado
Entre móveis pratas e pinturas
Cristais relógios esculturas
Molduras e objets de vertu,
Ressaía como militar
Em ordem hierárquica inclinando
A cabeça ou mostrando a garganta
À entrega de gráceis obediências:
Pessoas modeladas por orações
Como architecturas pelas fedes
Para alcançarem um mercado
De complacentes comitentes
Através do encanto de memórias
Tradições e textos sagrados
Cuidadosamente **postos nas estantes.**

oooooooooooooooo

O coxo então saltará como um cervo
Lembra Isaías 35 ao Santo Espírito
Com os instrumentoso pontudos (a punta)
Gravados e após pintados em paredes brancas.
Tanto é o bem que para mim espero
Que qualquer pena me é deleito.
Sobreposições e acostamentos
De quadros nús e quadros moldurados
Acabando com os lábios entre as pernas
Entroncadas (Atarracadas) de Cristo
Numa crucifixão de campo.
Ele com olhos nocturnos de guardião
Descarregador criado cozinheiro:
De vários tamanho e espécie
Os pássaros silenciosos no Gólgota.

oooooooooooooooooooo

De ti enviado em luz ao mundo
Sob a asna as chagas reflectidas pela bandas
Cor de pistache que te enrolam (envolvem),
Adivinhando os dentes estragados
Atrás dos lábios túmidos
Do camponês aflito
Sorvindo-se as gotas do costado,
Até ao volteamento (volteação) conquiforme
Das suas bragas roxas.
Esbrecha gorgolando a sinópia
Onde havia o diabo das tonsilas vermelhas,
Que me mantenha Deus na sua graça.
E onde as linhas do rosto franciscano
Cruzam-se com as fendas da parede
Entre cavalos definhados, no fundo (sullo sfondo)
A cabeça de bode expiatório do Baptista
Colhida (Apanhada) enquanto desce o machado.

Colete de veludo em seda sobre camisa de linho
Sola de couro e presilha de cabrito
Calças de libré em pele de gamo
No palácio para a ceia ao papa-rei,
No seu processo de adequação
Do círculo celeste ao quadrado terrestre
O pintor aqui e depois o arquitecto
Resolveram em entrosamento.
Enquanto no meio da fachada posterior
Entre as duas torrinhas angulares
Onde pelos fâmulos se abre a loja com frescos
Roma com seus horizontes que provêm
De outros horizontes mais remotos
Era um baralho de cartas, um jogo a encaixe
Um casal uma tasca cor-de-rosa entre pinheiros marítimos
Duas mulheres detidas em entrançar canastras
Com técnicas em espiral espigada.

Até ao salto do caçador
Da íngreme encosta de entulhos,
Fardado de cardeal que mata os rouxinóis
Na moldura celeste
Contraíndo-se como o braço na espingarda
Keats em empaulada carroça
Avançava a caminho da Barcaccia.

oooooooooooooooo

Rouxinol apenas pendurado
À armadilhinha (esparrelinha) operosa
Da época da caça,
O teu som atulhado de Lete
E orvalho, de abertas janelas
Por cima de mares em borrasca, frange-se
No vento deste dia
Ao sinal de aviso aos tiros (disparos)
Para os séculos nas muralhas
Entre lagartos e primaveras.
Os teus fundantes milénios rouxinolescos
Os teus meses de eternidade prometida
São gritos, artifício e natureza
Chios e arte do conservar (guardar)
Tolices de acariciar docemente
E profundamente estrangular.

Longínquos num mar liso
Abandonados navios em desarmação
Da marinha vaticana.
E a dominar os prodígios
Que naquelas águas de paul
Operava a natureza,
No palácio com loja decorada
Por sete leões passantes,
Ao lado do emblema ataviado
Por palmeiras frutadas de vermelho,
Dois papas em fato (traje) de jogral
Aguardam o juízo
Sem nem sequer uma nesga
De céu que os espere.

oooooooooooo

São pretas redondas
Bem prensadas as sombras da cornija
Na parede: pares de santas nos entablamentos
Bernini **de par seu** inseria
Realizando coros.
E quando olho para esta estátua, o seu
Mármore desbordante,
Vejo de joelhos o velho Galilei
Perante os cardeais anchos e flácidos.

oooooooo

E a noite dos santos Abúndio e Próculo
O catorze de Abril
Para observar o céu das Muralhas
Galileo subiu com o telescópio ao Gianicolo.
E mesmo em cima do Bosque Parrásio
– Taça em mármore quadrifoliado, e no meio
Dois tritões em travertino
Deitados nos lados segurando
Flores e fruta, do cabaz
Jorra um esguicho –
Descobriu os satélites de Júpiter mostrando
Do sistema solar a estrutura.
A árvore de Judas cresce ainda ali em volta
Entre sempre-verdes louro e aderno, e em abril
Presenta uma intensa floração cor de púrpura
Combinada com o traje de Agesandro
Tespóride, civilmente Monsenhor Ciccolini,
Árcade e guardador do Bosque.

oooooooooooo

VII

Uma cava a céu aberto de perfil

Com veste de jade verde pálido
A criatura alada em procissão
Fica inanimada. E os cravos ensanguentados são untos
Com os joelhos que chegam a tocar-se
E o respiro a fechar-se.
No deambulatório gótico a capelas radiais
Entre relicários à luz das persianas
Os confrades vestem um sacão
Branco com cordão preto,
No peito o emblema do santo sacramento,
Mas de perto apercebes-te
Que é cartáceo o tecido falsa a uniforme.

oooooooooooooooo

O pervinca florido entrando
Pela delspichada despojada porta lateral
Esventra numa arcada parietal
A estátua de Miguel-Ângelo ao trabalho,
Uma pedreira e céu apertado de perfil.
Cor forma linha movimento, se possui
Uma estética o cérebro na igreja da Opus Dei
Agora reage a minha visão do interior
Ao monumento de papa Clemente
Restaurado nos seus ornamentos em estilo
Com a temperança apoiada na urna
A mansidão em pensosa postura.
E àqueles braços que rasgam o peito
Abertos sob nádegas de putos.

oooooooooooooooo

O travertino romano, oh o travertino romano!
Mas tu que percebes, que sabes,
Pequeno anjo manco
Que te arrastas no empedrado
Dos santos Ambrósio e Carlos?
Nos momentos em que Roma te vivo
Como uma grande galeria de quadros,
Vendo nascer aqui a crítica de arte
A academia, o museu
Com as obras-primas do maneirismo tardio
Nos retratos dos cardeais protectores
E o pequeno dueto “Là ci darem la mano”
Que se imprime na parede,
Vejo ainda alejados e mendigos
À volta como então em rua del Corso.

oooooooooooooooo

Não há um centímetro de branco não te deixa
Desejar uma cor entre aqueles ouros
E os azuis-de-cobalto (os cobaltos) os rosa fúcsia das abóbadas
Nas tapeçarias da cidade pespontada
O arquitecto impunha fantasias embridava estilos,
Saía-lhe fácil acabá-los
– Estilos e cardeais –
A golpes de modelos lígneos
E vidrarias subtís.
Se vos trato assim, meus fardéis, gostais?

oooooooooooooooo

Tapeçarias entretecidas (entremeadas) de vermelho
Para aqeste retrato de cardeal,
Para o seu rosto de cão de caça de perfil
Com o simulacro de voo de anjo
Que na parede se lhe contrapõe,
Enquanto tremando os átomos se viram
De fina porcelana à sua passagem
E o cãozinho com laço cor-de-rosa
Enfia-se por baixo da poltrona.

oooooooooooooooo

VICO (vd. Traduzione)

Cantam graças à pressão da água
Pequenas aves em ramilhos de bronze
Onde lindos de mais músicos coram.
Mas do átrio ao pátio à escadaria
De honra ao ninfeu, um só grito
Uma razão só: «Morra de todo
E em companhia dos seus!»
Na ampla galeria entre os antepassados
Estavam os padres os agrimensores,
Mais recentemente os alquimistas
– A parede é segmentada
Já no início do século das Luzes –
Com os tintureiros e os farmacêuticos.

oooooooooooooooo

Por quem na sombra, como naquela tábua (naquele painél),
Não pára de fazer rir a corte,
Mãos cruzadas apoiadas no ventre
Dentro de mangas estreitas de mesquinho,
Enquanto na tapeçaria seiscentista
O abade aguarda, no fundo a abadia,
Dentro das amplas mangas da batina,
O ferrolho bem à vista.
Num enredo de traves e aranhas
Os quadros da colecção Frangipane
São restos de sentimentos humanos:
Nuvens como elipsóides vagantes na lua,
Pingentes de coral em forma
De leão e de delfim,
Corpos como massas musculares,
Pássaros com os ossos desenhados
Por um aprendiz na Renascença.

oooooooooooooooo

Onde aquela mesa refinada
Há sessenta anos não vem usada,
Só olhada de esquelho (de viés) e como hoje
Analizada,
Da casa de autor visitável
Com aquela pátina de tempo não vivido
Depositado nas alfaias, de café
Nunca mais deitado e de pó
Não aspirada dos soumiers.
Virados para tapeçarias não renovadas
Até pratos e copos: ali assistindo (a assistir)
À passagem de comidas em digestão assumidas alhures.
Coisa viva? Intacta como morte morta e sem nome.

oooooooooooooooooooo

Embora soubesse desenhar
Como se move um escorpião
Na arrecadação (armazém) das ferramentas,
Fica um menor este bom
Mestre seiscentista: os seus cestos (cabazes, canastros)
São amaneirados e os frutos
Acerbos com as cores inteiras.
Soubesse eu dizer de um pintor como consegue
Mostrar da cor das flores
A podridão, o cancro que desabrocha entre suas folhas,
O súbito entreabrir-se dos revérberos do verme.
Como não depende de modo algum (em absoluto) a magia
Da cromática versatilidade
Mas do cheiro: a prega (vinco) enviesada de uma veste
Que o deixa passar.

oooooooooooo

Do mestre na oficina sem vontade
De desenhar mais (ainda)...
Mas os ajudantes empenhados com os dezoito
Putos todos iguais
E os moços aprendizes (praticantes) em volta aprendendo (a aprender)
A moer as cores a limpar...

Era o azul a cor mais preciosa
Nenhum molusco a produzi-lo
Nenhum junco
Para perfilar a nuvem de meio
O meu pintor
Teria feito qualquer sacrificio
Ou maleficio, teria matado
Para a serenidade desta abóbada.

oooooooooooooooo

Derreado pela viagem de volta o marinheiro
Com ar de convocar as forças
Para virá-las ao bordel.
Ou aquele moço muito novo
Com o punhalzinho no lado
E uma cota de malha vestida
De rosto belo e austero não lascivo.
Ter-se-á perguntado se devia
Partir a romã,
Pôr também uma vela nova,
Descobrir-lhe só o ombro direito,
Virar-lhe o olhar para a tábua de cortar
Cegando-o com o reflexo?

De uma casa junto da Porta di Castello
Indo em direcção a (para) Prati
A passo vagaroso (lento), o sol já posto,
Ficava como suspenso o brilhar das cores
No corpo cinzento da pedra dura,
Cor do sangue os tijolos cozidos
E verde o azul da água.

Pirata vermelho carregado já violeta
Mostrava as artérias debruçava-se
Para a água sem muralhas nas margens
Revelando praias e ribeiras
Correntes seguras para os barcos
Das (Com as) bocas impudicas.
Do génio a vilania
De uma tibia reluzente
Vislumbrada na sacristia
Sabia-se confirmar no momento
Do sorriso, largo (amplo) quase morto (matado)
De face a face.

Enquanto a areia se tornava fria
Os pés estavam imersos sufocados,
Mal se moviam outro frio
Percebiam, e mais novo.

oooooooooooooooo

As cores que procuram à aurora
Saindo-lhe do ventre
Abandonar entre os canteiros
O preto (negro) que as impregna,
O solar brocado bruno e cor-de-rosa nu
Virado para a noite acocorada
Da água lúdica romana,
Que bombas de roda hidráulica (hidráulicas) consentem
Levantar até às fontes...

oooooooooooooooo

O que faz Roma esta manhã?
As luzes não se apagam, e os ruídos
Tardam, mal se sentem (sentem-se apenas (só))
Lentos gorgolejos. Depois do acordar
E do amor não previsto
Num não dia de festa
Readormeceu
Feliz.
Roma de corrida, Roma desesperada
E descoordenada, agora és a viola
Que desafinada fazia enfurecer
A cantora na encruzilhada pedonal.
E tremia o chiffon, vibrava de ira.

oooooooooooooooo

Chovem acordos sussurros de «cuidado há pausa»
Até à uma quando fecha
O salão (ridotto) do teatro,
Duas palmeirinhas postas de guarda à cancela.
Ensaiair quer dizer encontrar-se
Vinte manhãs às dez
E fora berros de portadores (carreijões), rua Vitória
As tampas dos esgotos abertas
Fora também um cigarro
De K 34 para violino e piano:
Se minha boca te enfada com vozes de amor
De alegria, por ti percebidas com garbo
De enfado, do meu saco branco
Com cordão preto e no peito o emblema
Do só, eu dirijo-me à orquestra in buca???
E torno a provar.

oooooooooooo

O mundo é um grande teatro onde há tantos comediantes quantos são os homens. Procura, o mais possível, ser um espectador, não uma personagem. Os que representam trabalham (fadigam); mas os que olham riem e divertem-se.

Quem sabe porquê devia ser um drama
Aquele incidente do segundo acto
Ao actor principal, representação interrompida
Ciclos protestos alguma restituição (devolução)
O grito de raiva deus da comparsa
E desça o pano. Porquê aquela emoção
Palpitação: um fresco de estação
Os cisnes fora e ovos abrigo
Nada sabia o condutor
da linha: o teatro é invenção.

oooooooooooo

E como numa sinfonia dos adeuzes
Primeiro um oboé e um corno
Depois o fagote e o outro oboé
Em seguida o outro corno e o contrabaixo
Cada um executando
Antes de terminar
O seu pequeno solo,
Deixando o movimento apagar
No último compasso
Dos violinos.

oooooooooooo

